

A AMAZÔNIA NO OLHAR IMPERIALISTA: A HISTÓRIA AINDA POUCO EXPLORADA DO PROJETO DO NORTE-AMERICANO MATTHEW FONTAINE MAURY PARA A AMAZÔNIA NA DÉCADA DOS 1850.

THE AMAZON UNDER IMPERIAL EYES: THE LITTLE EXPLORED HISTORY OF A NORTH AMERICAN PROJECT IN THE AMAZON DURING 1850'S.

Maria Clara Sales Carneiro Sampaio*

Resumo: O presente artigo tem por base algumas visões estadunidenses sobre a região amazônica no século XIX. No texto será desenvolvida uma análise dos projetos do Tenente da Armada Estadunidense Matthew Fontaine Maury, com atenção aos seus discursos imperialistas envolvendo a exploração das riquezas da floresta e da navegação dos rios. O militar guardava o objetivo de fundar uma espécie de reduto escravista ligado aos Estados Unidos, ansiando por apoio político entre os anos 1840 e 1850 para realizar tais intentos. Era almejada a criação de uma “República Amazônica”, cujo motor econômico seria animado pelos negócios escravistas de fazendeiros do Sul dos Estados Unidos.

Palavras-chave: Amazônia; Discurso Imperialista; Estados Unidos.

Abstract: This article aims to discuss some American intentions about Amazonian region in the nineteenth century. It will be analysed annexationist projects dealt by the Army Lieutenant Matthew Fontaine Maury, focusing on imperialist discourses connected with ideas of exploration and control of navigation in the rainforest. Maury aimed to founding a slaveholding territory under american flag in the Amazon. In this sense, Maury planned to seek political support around 1840's and 1850's trying to get your plans into reality. It was dealt the creation of a “República Amazônica”, whose economic power would be came from slavery business controlled by landowners from the South of the United States.

Keywords: Amazon; Imperialist speech; United States.

Em 1853, foi publicado nos Estados Unidos um livreto de nome *The Amazon, and the Atlantic Slopes of South America* (traduzido como *A Amazônia e as Encostas Atlânticas da América do Sul*),¹ de autoria do renomado cientista e membro da Marinha dos Estados Unidos, Matthew Fontaine Maury (1806-1873). Para além do conteúdo da obra, que é tema do presente trabalho, a curiosa publicação nos apresenta algumas particularidades que merecem reflexões mais pormenorizadas. Trata-se de uma brochura relativamente bem-acabada, com pouco menos de 70 páginas e com um mapa detalhado da América do Sul (Figura 1).

* É formada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e em História pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou suas pesquisas de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, com período de estágio no exterior na Yale University (como Visiting Assistant in Research). É, atualmente, Professora-adjunta da Graduação e da Pós-Graduação da Faculdade de História (FAHIST e PPGHIST) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).

¹ É possível traduzir, também, como *O Amazonas e as Encostas Atlânticas da América do Sul*, posto que se tratam de descrições da região amazônica, mas com o enfoque nas capacidades hidrográficas do Rio Amazonas.



Figura 1. Imagem do Acervo Pessoal

O mapa aparece sob o título *Valley of the Amazon* (traduzido como *Vale do Rio Amazonas*), ainda que outros grandes rios do Brasil e da América do Sul sejam facilmente identificáveis. Esse é o caso dos rios São Francisco, Paraguai e Rio da Prata, dentre outros. O não aparecimento das fronteiras políticas das nações sul-americanas parece contribuir para a perspectiva de que se trata de uma representação cartográfica das bacias hidrográficas da região. O mapa não aparece assinado por Maury, o que pode significar que sua autoria é desconhecida. Também não se faz nenhuma referência específica sobre essa questão ao longo do texto. É possível que seja uma reprodução cartográfica padronizada para a época. Contudo, é razoável supor que o mapa seja do próprio Maury, tendo em vista que ele se consagrou nos meios científicos estadunidenses graças a seus estudos sobre as cartas de vento e as correntes marítimas. Suas pesquisas e medições modificaram profundamente algumas das representações cartográficas oficiais da Marinha dos Estados Unidos. Se Maury não produziu esse mapa em específico, pelo menos é possível conjecturar que suas pesquisas tenham, no mínimo, influenciado consideravelmente o autor ou a autora desse.²

A cidade de edição dessa obra de Maury também pode ser um fator a ser levado em conta na análise que aqui se desvela. O livro foi impresso e distribuído a partir da cidade de

² GRADY, John. **Matthew Fontaine Maury, Father of Oceanography, 1806-1973**. Jefferson: McFarland & Co, 2015, p. 137.



Washington, até hoje a sede do governo federal dos Estados Unidos. É preciso ter em mente, entretanto, que muitas dessas observações são pertinentes apenas para a primeira edição de *The Amazon, and the Atlantic Slopes of South America*. Desde 1853, o livro recebeu inúmeras novas impressões e edições e parece permanecer uma obra de interesse editorial contemporâneo, posto que não só é possível consultar gratuitamente o conteúdo completo do livreto em diversos formatos digitais, como também adquirir uma cópia impressa — fac-similar ou não — de publicação muito recente, como é caso da edição de 2018 pela editora britânica *Forgotten Books*.

Trata-se de um livro sobre as potencialidades comerciais para a exploração da América do Sul, destinado ao público estadunidense. Dessa forma, quais seriam as razões por trás do interesse em se publicar e republicar essa obra não apenas por editoras norte-americanas, mas também britânicas? Qual relevância histórica do conteúdo dessa obra de Maury que justifica seu sucesso editorial nos últimos 150 anos?

Algumas das respostas para essas perguntas constituem o objeto do presente capítulo. Para além da importância dessa obra como documento histórico, os estudos e impressões de Maury sobre o Brasil e a América do Sul estão relacionados de maneira fundamental com a perenidade do interesse dos Estados Unidos sobre a região amazônica. A duração do imperialismo estadunidense sobre a Amazônia é, sem dúvida, um fator que, por si só, pode explique parte do interesse contemporâneo sobre a obra. Mais do que um representante e interlocutor dos interesses estadunidenses sobre a Amazônia, como será visto, Maury foi autor de um projeto político para o imenso vale do Rio Amazonas. Suas ideias e reputação, destarte, tiveram consequências práticas para a história do Brasil e para a história da Amazônia. Não apenas esse livro, mas outras partes da obra e da militância de Maury, nesse mister, podem ser compreendidas como um testemunho típico de um momento histórico. Maury é representante de uma forma de pensar e construir conhecimentos científicos que, talvez, precisem receber mais atenção da historiografia brasileira, posto que, aparentemente, o autor permanece sendo lido no mundo de língua inglesa, mas sem tradução recente para o português.

Os episódios históricos diretamente relacionados aos interesses de Maury sobre o Brasil tiveram repercussão real e são objeto de alguns importantes estudos de autoras e autores brasileiros. Nosso propósito não se restringe a contribuir para a melhor compreensão dos fatores históricos que permearam (e ainda permeiam) a produção e a leitura de *The Amazon, and the Atlantic Slopes of South America*, mas também para a apreensão mais aprofundada das rupturas e permanências do imperialismo estadunidense sobre a Amazônia até hoje. O interesse



internacional sobre a Amazônia produziu e ainda produz discursos simplificadores das tantas e diversas realidades sociais dessa imensa região.

Por fim, antes de concluirmos nossa introdução, é oportuno examinar os subtítulos do livro *The Amazon, and the Atlantic Slopes of South America*. Eles nos mostram que a obra se edificou sobre uma série de textos previamente publicados em jornais norte-americanos: *A series of letters published in the National Intelligencer and Union Newspaper, under the signature of "Inca,"* (traduzido como *Uma série de cartas publicadas no jornal National Intelligencer e no jornal Union, assinados por Inca*). Dentre as informações que constam nos subtítulos, ainda está a máxima *Revised and corrected by author* (*Revisado e corrigido pelo autor*). A autoria do livro é de Matthew Fontaine Maury, mas a reprodução dos textos — previamente publicados nos referidos jornais estadunidenses — preserva a assinatura do Inca, que compreendemos como uma espécie de heterônimo de Maury. As razões por detrás da escolha editorial de afirmar que a obra havia sido revisada e corrigida pelo próprio autor talvez se expliquem pela ilustre reputação científica que Maury conquistara na Marinha dos Estados Unidos.

Maury, nascido no Sul dos Estados Unidos, no estado da Virginia, está entre os grandes cientistas estadunidenses do século XIX. É considerado por muitos como um dos fundadores da oceanografia moderna e da meteorologia de aplicação naval. Suas inovadoras contribuições foram publicadas em forma de livros, artigos, ensaios, estudos, mapas e cartas de vento entre meados dos anos 1830 até próximo de sua morte, em 1872. A partir no início da década de 1860, seus estudos passam a dedicar-se, também, à geografia física e ao seu ensino em instituições de ensino básico e superior.³ Maury foi, também, ilustre membro da Marinha dos Estados Unidos e influente partícipe dos altos círculos políticos do governo federal dos Estados Unidos até o início da Guerra de Secessão (1861-1865).

Aparentemente, Maury nunca esteve na região amazônica, mas sua relação com o Brasil precedia a publicação do livro *The Amazon, and the Atlantic Slopes of South America*. Na década de 1840, realizou estudos sobre as correntes no Cabo de São Roque (no litoral do atual estado do Rio Grande do Norte) e descobriu a existência de correntes marítimas não conhecidas pelos estadunidenses. A combinação dessas correntes e de ventos favoráveis o levou a estabelecer um novo trajeto para as embarcações a vela. Tal fenômeno tinha potencial para

³ GRADY, John. **Matthew Fontaine Maury**, Father of Oceanography, 1806-1973. Jefferson: McFarland & Co, 2015, p. 139.



diminuir em cerca de 17 dias de viagem o trecho entre a cidade estadunidense de Baltimore e o Rio de Janeiro. A partir dessa informação, muitos navios norte-americanos — que transportavam produtos internamente da costa do Atlântico (leste) para a costa do Pacífico (oeste) — passaram a contornar o continente americano ao invés de fazer o trajeto por terra (HORNE, 2007).⁴

Com a eclosão da Guerra de Secessão (ou a Guerra Civil dos Estados Unidos), a atuação política de Maury se tornou, de certa forma, até mais importante e de caráter oficial. Ele ajudou nos esforços de guerra como membro da Marinha dos Confederados e serviu como diplomata na Europa. Cumpre pontuar, apenas como esclarecimento, que, no conflito Norte-Sul da Guerra Civil, o conjunto dos estados aliados ao projeto político do Norte era chamado de União e permaneceram com a capital em Washington. Os estados rebelados do Sul haviam se separado com o nome de Estados Confederados da América e elegeram a cidade Richmond, até hoje capital do estado da Virgínia, como sua capital federal.⁵

De maneira resumida, os Confederados advogavam em favor da manutenção e expansão da escravidão como uma das bases produtivas de sua economia, enquanto a União defendia um projeto político que se tornou, com a guerra, um projeto abolicionista para todo o território nacional. Os estados da União se amparavam historicamente no desenvolvimento comercial e industrial, talhados majoritariamente sobre o trabalho livre. Desde a independência do país, oito décadas antes, a maior parte dos estados que permaneceram fiéis a Washington durante a guerra civil, especialmente na região nordeste dos Estados Unidos, havia abolido o pouco trabalho escravo que tinham, entrando para a constituição como “estados livres”. Os estados do Sul que se juntaram aos Confederados eram “estados escravistas”.⁶

⁴ HORNE, Gerald. **The Deepest South: The United States, Brazil and the African Slave Trade**. Nova York: New York University Press, 2007, p. 113.

⁵ Os estados que fizeram parte da União foram: Califórnia, Connecticut, Delaware, Illinois, Indiana, Iowa, Kansas, Kentucky, Maine, Maryland, Massachusetts, Michigan, Minnesota, Missouri, Nova Hampshire, Nova Jersey, Nova York, Ohio, Oregon, Pensylvania, Rhode Island e Vermont. Já durante o conflito, os estados de Nevada e Virgínia do Oeste (que era parte do território do estado da Virgínia até 1863) se juntaram à União. Os confederados eram compostos inicialmente pelos estados do Alabama, Carolina do Sul, Flórida, Geórgia, Louisiana, Mississippi e Texas. Depois de iniciado o confronto aderiu os estados do Arkansas, Carolina do Norte, Tennessee e Virgínia.

⁶ SAMPAIO, Maria Clara Sales Carneiro. **Fronteiras Negras ao Sul: A proposta dos Estados Unidos de colonizar a Amazônia brasileira com afrodescendentes norte-americanos na década de 1860**. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 10.



O projeto de Maury para a América do Sul envolvia uma espécie de anexação da região amazônica à economia e à política do Sul dos Estados Unidos. Ele defendia a migração de estadunidenses proprietários de escravos para o vale do Rio Amazonas, como forma de otimizar as potencialidades produtivas da região e, ao mesmo tempo, expandir a propriedade escrava sem tencionar o equilíbrio racial do sul dos Estados Unidos. O projeto para a “República Amazônica” de Maury serviria como válvula de escape racial para a sociedade escravista do sul estadunidense e evitar a abolição da escravidão. Com seu livro *The Amazon, and the Atlantic Slopes of South America*, Maury arquitetou uma poderosa campanha para despertar o interesse de seus nacionais para a exploração comercial e colonização escravista do vale do Rio Amazonas.⁷

AS ORIGENS DO INTERESSE ESTRANGEIRO CONTEMPORÂNEO SOBRE A REGIÃO AMAZÔNICA

Antes de adentrarmos as minúcias das aspirações de Maury para a Amazônia, faz-se necessário compreender um pouco mais do contexto no qual ele se consagrou como um cientista e um intelectual. Refletir sobre esse momento histórico também envolve pensar o lugar da Amazônia nos discursos político-científicos do século XIX.

É possível compreender, talvez, que o interesse estrangeiro pela região amazônica nasce junto com a ideia de América: quase que em comunhão com as invasões ibéricas do princípio da Era das Grandes Navegações. Em 1498, em sua terceira viagem ao recém “descoberto” Novo Mundo, pela primeira vez Cristóvão Colombo se aventurou pela bacia do Rio Orinoco, na região amazônica que compreende a atual Venezuela. Seriam necessários, ainda, alguns anos para que as “descobertas” de Colombo confirmassem a chegada dos ibéricos em um continente isolado do contato externo. Com os contatos e as conquistas, incontáveis lendas, mitos e histórias de toda sorte passarão a compor os discursos sobre a Amazônia.

Para a historiadora Nícia Vilela Luz, contudo, o ávido interesse internacional pela região amazônica no século XIX ganha novos contornos a partir dos resultados da expedição capitaneada pelo explorador e naturalista germânico (Friedrich Wilhelm Heinrich)

⁷ HORNE, Gerald. **The Deepest South: The United States, Brazil and the African Slave Trade**. Nova York: New York University Press, 2007, p. 114-115.



Alexander von Humboldt, entre 1799 e 1804.⁸ A viagem de Humboldt à América Espanhola e aos Estados Unidos é considerada por muitos como uma das experiências fundadoras da tradição de expedições científicas que se estenderam pelos séculos XIX e XX.⁹ Não por acaso, o ponto de partida da expedição de Humboldt — quando alcançou o Novo mundo — foi justamente o delta do Rio Orinoco.¹⁰

Tal [*a expedição de Humboldt*] foi o suficiente para desencadear, por anos afora, toda uma corrente de interesseiros e interessados nas potencialidades da região [*amazônica*]. Essas potencialidades serão confirmadas em dois sentidos: 1. a possibilidade de existência de ouro; 2. facilidade de comunicação oferecida pela rede hidrográfica.¹¹

As frutíferas reflexões de Humboldt sobre as potencialidades hidrográficas dos rios amazônicos foram abundantemente publicadas e discutidas nos mais diversos ciclos sociais e científicos da Europa e dos Estados Unidos ao longo do século XIX. Destarte, Nícia Vilela Luz compreende que os achados da expedição de Humboldt modificaram o padrão de interesses imperialistas europeus e estadunidenses sobre a região amazônica. A suposta facilidade de comunicação hidrográfica agregou inestimável valor ao Rio Amazonas e a seus afluentes. Essa imensa potencialidade econômica, em um contexto de valorização do livre comércio, chamava a atenção das potências europeias e dos Estados Unidos para essa área dos trópicos. Assim, nos explica Luz, “[...] ainda mais depois que Humboldt percebeu a possibilidade de comunicação entre a bacia amazônica e as bacias do Orenoco e do Prata [...]”, passou a ser bastante comum relacionar a Amazônia com uma “suposta fertilidade da terra”, o “eterno verdor” e “constante desafio à energia e ao poder humanos”.¹²

Faz-se necessário pontuar, contudo, que a expedição de Humboldt não obteve autorização da coroa portuguesa para adentrar o atual território brasileiro. Ainda que as divisões políticas entre os territórios da América Espanhola e da América Portuguesa, principalmente

⁸ LUZ, Nícia Vilela. **A Amazônia para os Negros Americanos**: Origens de uma Controvérsia Internacional. Rio de Janeiro: Saga, 1968, p. 34.

⁹ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Brasil a Vapor**: Raça, Ciência e Viagem no Século XIX. 2005, 255 f. Tese (Livre-docência) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005, p. 116.

¹⁰ Baseou-se na recente edição HUMBOLDT, Alexander von. **Personal Narrative of a Journey Equinoctial Regions of the New Continent**. Edição Condensada (Abridged Edition). Londres: Penguin Classics, 1995.

¹¹ LUZ, Nícia Vilela. **A Amazônia para os Negros Americanos**: Origens de uma Controvérsia Internacional. Rio de Janeiro: Saga, 1968, p. 34.

¹² LUZ, Nícia Vilela. **A Amazônia para os Negros Americanos**: Origens de uma Controvérsia Internacional. Rio de Janeiro: Saga, 1968, p. 35.



na região amazônica, não encontrassem possibilidades reais de demarcação cuidadosa. De qualquer maneira, a penetração da expedição pelo atual Brasil foi bastante marginal. Os resultados da expedição, entretanto, foram de extrema importância para a correção de mapas luso-brasileiros para as regiões do Grão Pará e Maranhão, dentre outras contribuições. Não obstante, a posição da coroa portuguesa e, depois, do governo imperial brasileiro constituíram um padrão de política internacional de proteção do norte em relação ao comércio internacional de grande porte e à navegação internacional do Rio Amazonas.

A ABERTURA DO RIO AMAZONAS PARA A NAVEGAÇÃO INTERNACIONAL

Desde as primeiras décadas do século XIX, com o desvelamento dos processos de independência da América Espanhola, somados à demonstração cada vez mais agressiva dos interesses imperialistas e expansionistas dos Estados Unidos, as medidas protecionistas para a Amazônia começaram a encontrar cada vez mais desafios para a política luso-brasileira. Acrescenta-se a isso que, a partir dos anos 1840, algumas das repúblicas andinas, como os recém-independentes Peru e Bolívia, por exemplo, passaram a sinalizar o interesse em investir na melhoria das vias de comunicação comercial através de um caminho para o atlântico, via navegação do Rio Amazonas. A questão da livre navegação do Rio Amazonas, assim, teve que passar a fazer parte da agenda de política internacional do Brasil.

A política imperial brasileira para a navegação do Rio Amazonas obedeceu a alguns padrões e permanências que se processavam desde o período colonial, como nos mostra o historiador Arthur César Ferreira Reis em sua obra considerada fundacional para a produção historiográfica brasileira sobre a região amazônica: *A Amazônia e a Cobiça Internacional*. Reis ressalta que, embora existam substanciais diferenças entre as diretrizes adotadas nos períodos do primeiro reinado, da regência e do segundo reinado, essas mudanças foram, muitas vezes, respostas aos processos de independência do Brasil e de outras nações sul-americanas:

A Amazônia, no decorrer do período colonial (...) permanecera fechada aos estrangeiros. Portugal, nesse particular, tivera um procedimento rigoroso (...) do aproveitamento dos cursos fluviais, que tanto caracterizavam a região, adotara uma política drástica com relação aos seus próprios nacionais. Não se podia, como decorrência dessa política, circular a vontade por qualquer dos rios interiores amazônicos, isto é, o Amazonas em si e os seus afluentes (...) Quando se conquistou a independência, o problema do acesso ao interior da Amazônia, pelo estrangeiro que desejasse vir instalar-se nela, ou descobri-la para a ciência, ou ainda para o giro mercantil que dessa forma à sua vida



econômica, criando mercados no exterior à sua produção tão interessante e tão desejada, era um problema de que todos cedo se aperceberam.¹³

As primeiras décadas de independência do Brasil foram marcadas, assim, pela pressão internacional (em especial dos Estados Unidos) para a abertura do Amazonas e a entrada de embarcações não brasileiras. A questão da navegação dos grandes rios constituiu, nesse período, um tópos das relações internacionais em diversos lugares do mundo. No caso do Rio Amazonas, a abertura para a navegação internacional ainda respeitava uma lógica de fortalecimento de processos políticos semelhantes em relação a outros rios do continente americano. Entre esses rios que se abriam para a navegação internacional, estavam o Rio São Lourenço e o Rio Prata.¹⁴ Esses processos também estavam imersos em uma perspectiva política capitaneada pelos Estados Unidos, que pregava a importância econômica de uma maior integração comercial interamericana¹⁵.

Como nos ensinou Arthur César Ferreira Reis, por grande parte do período colonial, o padrão da política exterior para a Amazônia havia sido o de proteção e controle sobre a circulação internacional na região, na medida do possível. Dentre as profundas mudanças histórico-políticas inauguradas no século XIX, contudo, estava o acirramento dos interesses imperialistas estadunidenses no tocante às possibilidades de exploração das vias fluviais amazônicas, principalmente à medida que as informações sobre a região se tornavam cada vez mais conhecidas nos meios científicos e políticos (processo que foi em larga medida desencadeado pela expedição de Humboldt). Nesse contexto, Nícia Vilela Luz caracteriza o início do século XIX como “[...] o redescobrimto do Amazonas [...]”, um período fortemente marcado pela circulação internacional de um ideário que mesclava visões idílicas antigas de uma espécie de paraíso tropical com interesses novos e iniciativas de cunho comercial, que conquistavam cada vez mais adeptos nos Estados Unidos e na Europa. É nesse contexto que o projeto de Maury para a região amazônica se insere.¹⁶

Duas ideias estavam por trás da exploração do Rio Amazonas pelo Tenente William Lewis Herndon e o aspirante Lardner Gibbon, da Marinha dos

¹³ REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A Amazônia e a Cobiça Internacional**. Rio de Janeiro: Limitada, 1965, p. 93.

¹⁴ O Rio São Lourenço (*Saint Lawrence River*), América do Norte, liga os Grandes Lagos ao Oceano Atlântico e marca a fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos em seu extremo oeste. O Rio da Prata, por sua vez, marca a atual fronteira entre a Argentina e o Uruguai e, ao longo do século XIX, foi objeto de interesses e conflitos militares envolvendo o Brasil, o Paraguai, a Argentina e o Uruguai.

¹⁵ SANTOS, Cláudio Villafañe Gomes. Santos. **O Brasil entre a América e a Europa: O Império e o Interamericanismo**. São Paulo, Unesp, 2004, p. 43.

¹⁶ LUZ, Nícia Vilela. **A Amazônia para os Negros Americanos: Origens de uma Controvérsia Internacional**. Rio de Janeiro: Saga, 1968, p. 35.



Estados Unidos, em 1851 e 1852. A mais importante e citada com mais frequência era a de que a região amazônica oferecia solos férteis para a exploração comercial estadunidense. A outra razão dizia respeito ao uso da Amazônia como potencial receptora para a crescente população escrava dos Estados Unidos. Os interesses comerciais da expedição eram claros, mas a relação da exploração do Rio Amazonas com a instituição da escravidão nos Estados Unidos é até pouco explorada (...) O pai do projeto era o notável superintendente do Observatório Nacional, em Washington, o tenente Matthew Fontaine Maury. Conquanto que não tenha sido o primeiro a notar as potencialidades do comércio sul-americano, Maury elaborou o plano para colocar a região completamente sob sua influência. Foi ele que instigou a Marinha a enviar uma comissão exploratória; foi por meio de seus escritos entre os anos de 1850 e 1854 que a livre navegação do Amazonas se tornou, por um breve período de tempo, uma máxima da doutrina econômica do Sul.¹⁷

O historiador estadunidense Whitfield Bell Jr. está se referindo à expedição pelo Rio Amazonas — capitaneada por William Lewis Herndon e Lardner Gibbon, ambos membros da Marinha dos Estados Unidos — que aconteceu entre 1851 e 1852. Maury, ao que se sabe, nunca esteve na região amazônica, mas esteve por trás da aprovação e organização da expedição. Também partiu de Maury a indicação dos oficiais que comandariam os navios que navegariam por duas rotas distintas o Amazonas, da nascente em direção à foz. Herndon era cunhado de Maury e Gibbon e, ao que consta, de sua máxima confiança.

Como mencionado anteriormente, Maury era uma figura de grande influência política, tanto nos estados escravistas do sul dos Estados Unidos como nas altas rodas do governo federal. Sua notoriedade, nesse sentido, era proveniente não só do sucesso de suas pesquisas, mas também de seu papel como representante de um projeto político de fortalecimento do sul na política federal (um tema complexo para o qual não há espaço para maiores reflexões). Ainda assim, é importante fazer algumas considerações sobre o contexto econômico dos Estados Unidos e a representação política sulista.

¹⁷ No original em inglês se lê: “Two ideas lay behind the exploration of the Amazon River by Lieutenant William Lewis Herndon and Passed Midshipman Lardner Gibbon, of the United States Navy, in 1851 and 1852. The more important and the more frequently expressed was that the region of the Amazon offered a rich field for development by American commercial enterprise; the other was that the Amazon Valley might be employed as an outlet for the increasing slave population of the United States. The commercial interests in the expedition have been recognized, but the relation of this exploration of the Amazon to the institution of slavery in the United States has been less widely noticed. This note is concerned primarily with the latter aspect of the expedition. The father of the Project was the remarkable superintendent of the National Observatory at Washington, Lieutenant Matthew Fontaine Maury. Although not the first to suggest the potentialities of South American trade, Maury made the plan to tap the region completely his own. It was he who urged the Navy Department to send out an exploring party; it was by his writings between 1850 and 1854 that the free navigation of the Amazon became for a short period an article of Southern economic doctrine” BELL Jr., Whitfield J. The Relation of Herndon and Gibbon’s Exploration of the Amazon to North American Slavery. **Hispanic American Historical Review**, Durham, Duke University Press, vol. 19, n. 04, nov. 1939, p. 494.



A estrutura econômica do sul dos Estados Unidos, nos momentos imediatamente anteriores à Guerra da Secessão (1861-1865), era reflexo de mudanças trazidas pelo século XIX. Nícia Vilela Luz aponta que, desde a década de 1820, devido à queda dos preços do algodão no mercado internacional, verificou-se a eliminação dos pequenos proprietários e a definitiva consolidação e expansão territorial da grande propriedade escravista no sul. Esse tipo dominante de propriedade monocultora marcou a concentração de poder político nas mãos de uma oligarquia escravista sulista que buscava, também, comandar a política federal. Desde a independência, no final do século XVIII, o governo federal dos Estados Unidos incorporou novos territórios como estados, a partir da lógica de que para cada novo território que se tornasse membro da União como um estado escravista, outro território deveria percorrer o mesmo caminho para se tornar um estado livre. Dessa forma, a representação dos interesses escravistas não ultrapassaria a dos estados livres no senado.¹⁸

As 13 colônias que formaram primeiramente os Estados Unidos estavam todas na costa atlântica do país, ao leste. Em poucas décadas, o país mais que triplicou de tamanho e alcançou a costa do pacífico, ao oeste. Na década de 1850, a formação dessa peculiar configuração política ainda contou com os recentes processos de anexação do Texas e à conquista de região norte do México (1846-1848), que adentraram à União como estados escravistas. O equilíbrio entre estados livres e estados escravistas na representação do governo federal ficava cada vez mais difícil de ser mantido e, assim, configurou-se o enfrentamento entre o norte (estados livres) e o sul (estados escravistas), que resultou, anos depois, na Guerra Civil dos Estados Unidos (1861-1865) (Figura 2).

¹⁸ LUZ, Nícia Vilela. **A Amazônia para os Negros Americanos: Origens de uma Controvérsia Internacional**. Rio de Janeiro: Saga, 1968, p, 35.





Figura 2. Mapa Político da Guerra Civil dos Estados Unidos¹⁹

A força e os impulsos anexacionistas do Sul escravista, contudo, pareciam não respeitar esse equilíbrio, uma vez que caminhavam no lastro de aumentar o poder do Sul frente ao Norte. A conquista de novos territórios asseguraria não só o instituto da escravidão, mas daria base para uma expansão em direção às repúblicas da América Central e da América do Sul (Amazônia). Para descrever os impulsos anexacionistas do Sul, o historiador estadunidense Gerald Horne se utiliza do conceito de *Slave Imperialism* (Imperialismo Escravista) que significa, resumidamente, uma expansão de capital ligada à manutenção das relações de escravidão: “[...] um tipo de ‘imperialismo escravista’, através do qual empresários sulistas exportavam capital e procuravam a continuidade da existência da servidão humana.”²⁰

Nesse contexto, Maury começou a usar sua influência política e passou a escrever para importantes jornais estadunidenses com o objetivo de fortalecer sua campanha para despertar o interesse dos estados escravistas norte-americanos para a colonização da região amazônica. Ele, proveniente de um dos estados escravistas mais influentes, a Virgínia, encontrou campo fértil

¹⁹ Guerra de Secessão. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_de_Secess%C3%A3o>, acessado em 19 de abr de 2018.

²⁰ HORNE, Gerald. **The Deepest South: The United States, Brazil and the African Slave Trade**. Nova York: New York University Press, 2007, p. 109.



na política de nível nacional para o apoio de seu projeto de converter a região amazônica em um território dependente do sul dos Estados Unidos. No entanto, por uma série de fatores, a começar pelo apreço norte-americano pela preservação das boas relações exteriores com o Brasil, Maury nunca conseguiu que seu projeto se convertesse em um programa público encampado pelo governo federal dos Estados Unidos. Conseguiu, porém, enviar à Amazônia uma expedição de exploração e transformar os relatórios de Herndon e Gibbon em livros com tiragens acima de 20 mil cópias.

Seu projeto de transferência dos escravos norte-americanos para a Amazônia tomou corpo entre o final da década de 1840 e os primeiros anos da década de 1850, sempre disfarçado sob a bandeira de que o Brasil precisava abrir o Rio Amazonas para a Navegação Internacional:

Iniciava Maury sua persistente campanha contra a política brasileira no Amazonas (...) ressaltava as riquezas da bacia Amazônica que descrevia da maneira mais sedutora e, ao mesmo tempo, denunciava a política restritiva do Brasil que, em desacordo com os conceitos da época, mantinha fechada a inutilizada uma região capaz de alimentar toda a população do globo. Empregava o determinismo geográfico para justificar as pretensões dos Estados Unidos à navegação do Amazonas, utilizando os acidentes geográficos como fenômenos indicativos da legitimidade dessa política de comércio que contrastava com a de conquista. Era enfim, eminentemente uma obra de propaganda, cuja repercussão nos Estados Unidos, segundo Carvalho Moreira, Ministro do Brasil em Washington, foi bastante grande, excitando o meio mercantil e causando incômodo às nossas autoridades.²¹

Assim, o projeto de Maury para a Amazônia nasceu, cabe reforçar, costurado ao contexto do expansionismo dos estados do sul dos Estados Unidos, dentro de uma agenda imperialista ligada ao escravismo. Por essa e outras razões, Horne acredita que a atuação política de Maury em relação à Amazônia foi um fator de certa relevância à composição do conflito norte-sul que desencadeou a Guerra Civil nos Estados Unidos.²²

Em uma perspectiva de histórias conectadas, faz-se necessário repensar como o imperialismo estadunidense sobre a Amazônia — representado pelos projetos de Maury para a região — foi um fator que contribuiu para a eclosão de um dos conflitos civis mais violentos da história das Américas, e que fundamentalmente mudou as bases da construção nacional estadunidense.

²¹ LUZ, Nícia Vilela. **A Amazônia para os Negros Americanos: Origens de uma Controvérsia Internacional**. Rio de Janeiro: Saga, 1968, p. 66.

²² HORNE, Gerald. **The Deepest South: The United States, Brazil and the African Slave Trade**. Nova York: New York University Press, 2007, p. 109.



MAURY E A AMAZÔNIA

Como mencionado anteriormente, Maury contribuiu de forma inestimável para o campo das técnicas de navegação; mas, são suas teorias sobre a bacia hidrográfica do Rio Amazonas que queremos destacar. Logo nas primeiras páginas de *The Amazon, and the Atlantic Slopes of South America*, a região amazônica é apresentada a seus leitores da seguinte forma:

O território de escoamento do Rio Amazonas, se recuperado dos selvagens, das bestas ferozes e dos répteis e, ainda, for explorado com o cultivo da terra, teria a capacidade de alimentar com sua produção a população de todo o mundo (...). Neste canto do mundo as estradas são raras e os pedágios inexistentes. A primeira ferrovia sequer já foi construída. Por mais que o Rio da Prata irrigue porções de terra tão extensas quanto o vale do nosso Rio Mississippi, a fertilidades desses campos são superiores às nossas. A capacidade de escoamento do Amazonas é duas vezes mais poderosa, e seus afluentes maiores, mais numerosos e mais navegáveis (...). Por mais de 300 anos o homem branco está presente na bacia do Amazonas, e por mais de 300 anos a natureza permaneceu soberana. Por incapacidade de seus governantes nenhuma marca sequer foi deixada pelo europeu naquelas florestas. Por mais quanto tempo isso deve continuar?²³

As impressões de Maury sobre a Amazônia, para além da disponibilidade de leitura de uns poucos viajantes europeus, partiram em larga medida dos relatos de seu cunhado, Herndon, no retorno de sua expedição exploratória ao vale do Rio Amazonas. O relatório dos dois estadunidenses que capitanearam a expedição em 1851 e 1852 foi transformado em um livro editado em dois volumes (1853). O primeiro volume contou com o relato de Herndon, e, o segundo, com o de Gibbon. Caso não soubéssemos que ambos navegaram a mesma região, os relatos pareceriam contar realidades de mundos opostos. Enquanto o relato de Herndon prega o esplendor e as facilidades de exploração da Amazônia, o de Gibbon permanece mais preocupado com as dificuldades da navegabilidade dos rios, de compreensão das estações do

²³ No original, em inglês, tem-se: “*The country that is drained by the Amazon, if reclaimed from the savage, the wild beast, and the reptile, and reduced to cultivation now, would be capable of supporting with its produce the population of the entire world (...) In that region of the country wagon-roads are few, turnpikes unknown, and the first railway has yet to be built; and though the La Plata drains a country nearly as large as many more fertile than is our own Mississippi valley, and though that of the Amazon is twice as great, and its tributaries many times longer, more navigable, and numerous (...) For more than three hundred years the white man has been established in that Amazonian basin, and for more than three hundred years it has remained a hollowing wilderness. Owing to the mismanagement of its rulers, the European has made no impression – none – no, the least – upon its forests. How long shall this continue to be so?*”. MAURY, Matthew Fontaine. **The Amazon, and the Atlantic Slopes of South America**. A series of letters published in the National Intelligencer and Union Newspaper, under the signature of “Inca,”. Revised and corrected By Author. Washington: Franck Taylor, 1853, p. 05-06.



ano e das cheias dos rios.²⁴ Credita-se grande parte do relatório de Herndon à influência de Maury.²⁵

A influência de Maury não se destacou apenas no campo político-ideológico, que envolvia um projeto de expansão territorial de cunho escravista. Seu nome agregou aos relatos de Herndon — e aos seus escritos — o caráter científico daquela visão sobre a Amazônia. Para Maury, a capacidade “natural” da região amazônica de se tornar um território de grande dinamismo comercial e abundante em exportação de matérias-primas não era uma potencialidade por si só. Afinal, para ele, por 300 anos, os ibéricos pareciam ter sido incapazes de domar a natureza.

Prossigo agora na apresentação das capacidades comerciais e futuros recursos das magníficas bacias hidrográficas da América do Sul. Destinarei minha atenção ao Rio Amazonas e ao Rio da Prata, e compararei a extensão de seus afluentes e da área de escoamento (...) O vale do Rio Amazonas pertence aos dois hemisférios; é a maior bacia hidrográfica do mundo, mas não pertence somente nem ao hemisfério norte, nem ao hemisfério sul.²⁶

A região amazônica só poderia se desenvolver como apêndice de outra região central, no caso, o Golfo do México e Caribe. Esse “Mediterrâneo Americano”, o centro “natural” de um império setentrional, era o ponto de convergência do sistema interamericano das bacias hidrográficas do Mississipi, Orinoco e Amazonas. Maury chegou até a formular uma hipótese de que essa rede hidrográfica se comunicaria com a Bacia do Prata. Uma formulação quase anedótica de conjectura amazônica era que o Rio Amazonas, tributário do “Mediterrâneo Americano”, era simples de ser provado: bastava soltar uma tora de madeira na foz do referido rio que ela flutuaria para o Caribe, entraria na Bacia do Rio Mississipi, atravessaria o estado da Flórida e chegaria ao Golfo do México. Para embasar sua teoria, Maury transcreve um trecho

²⁴ SAMPAIO, Maria Clara Sales Carneiro. **Fronteiras Negras ao Sul: A proposta dos Estados Unidos de colonizar a Amazônia brasileira com afrodescendentes norte-americanos na década de 1860.** 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 86.

²⁵ GRADY, John. **Matthew Fontaine Maury, Father of Oceanography, 1806-1973.** Jefferson: McFarland & Co, 2015, p. 136.

²⁶ No original, em inglês, tem-se: “*I proceed now to show the present condition with the future resources and commercial capabilities of the great South America water-shed. I will confine my attention to the rivers Amazon and La Plata, to their tributaries, and the valleys drained by them (...) The valley of the Amazon lies in both hemispheres: it is the largest river-basin in the world, but it belongs exclusively neither to the North nor the South*”. MAURY, Matthew Fontaine. **The Amazon, and the Atlantic Slopes of South America.** A series of letters published in the National Intelligencer and Union Newspaper, under the signature of “Inca.”. Revised and corrected By Author. Washington: Franck Taylor, 1853, p. 11.



do diário de viagem de Herndon e segue confirmando as hipóteses com dados meridionais e longitudinais.

Pensei em Maury, com suas pesquisas sobre as correntes do mar; e, lembrando a conexão física próxima que ele mostra como existente entre essas águas do Amazonas e as de nosso majestoso Mississippi. Eu meio pensativo deixei cair um pouco de musgo verde arrancado do lado da colina sobre o coração do plácido Morococha, e enquanto flutuava, eu o segui, na imaginação, através dos luxuosos climas, dos belos céus e da paisagem encantadora dos trópicos, para a boca do grande rio que este pequeno lago estava alimentando; daí, atravessando o mar do Caribe, através da passagem de Yucatán no Golfo do México; daí, ao longo do córrego do Golfo, e assim fora do oceano, fora das margens de nossa "terra de flores". Aqui achei que poderia ter encontrado pequenos mensageiros silenciosos, lançados pelas mãos de simpatizantes amigos e compatriotas no alto das águas do Mississippi ou no Oeste longínquo, nas fontes distantes do Missouri.²⁷

Dentre os desdobramentos teóricos das capacidades hidrográficas da região amazônica, outra característica merece atenção: para Maury, a região não era o habitat “natural” do homem branco, e sim do afrodescendente escravizado. Esses elementos próximos do determinismo geográfico, combinados com as doutrinas da predestinação divina, resultaram em uma proposta de um “destino” para a Amazônia (HORNE, 2007). Esse destino era o povoamento massivo de escravos africanos dirigidos por brancos. E não quaisquer brancos, mas homens brancos empreendedores, capazes de explorar racionalmente a área.

Temos, pois, desde 1849, e graças ao conhecimento de uns poucos fatos, mas principalmente às suas deduções teóricas, todo um esquema traçado na mente de Maury: a Amazônia pela sua fertilidade e pela potencialidade comercial de sua bacia hidrográfica era todo um mundo inexplorado que se oferecia à capacidade empreendedora yankee. Poderia suportar uma enorme população - ele dirá mais tarde que será capaz de conter 2.400.000 habitantes - que deveria ser constituída de

²⁷No original, em inglês, tem-se: “*I thought of Maury, with his researches concerning the currents of the sea; and recollecting the close physical connexion pointed out by him as existing between these – the waters of the Amazon and those of our own majestic Mississippi – I musingly dropped a bit of green moss, plucked from the hill-side, upon boson of the place lake of Morococha, and as it floated along I followed it, in imagination, down through the luxurious climes, the beautiful skies, and enchanting scenery of the tropics, to the mouth of the great river, thence across the Caribbean sea, through the Yucatan pass, into the Gulf of Mexico; thence along the Gulf-stream; and so out upon the ocean, off the shores of the ‘Land of Flowers’.* Here I fancied it might meet with the silent little messengers cast by the hands of sympathizing friends and countrymen high upon the head-waters of the Mississippi, or away in the ‘Far West’, upon the distant fountains of the Missouri.” HERNDON William Lewis Apud MAURY, Matthew Fontaine. **The Amazon, and the Atlantic Slopes of South America.** A series of letters published in the National Intelligencer and Union Newspaper, under the signature of “Inca.”. Revised and corrected By Author. Washington: Franck Taylor, 1853, p. 33.



elementos da raça negra, pois de acordo com seus conceitos geográficos e raciais, a região pelo seu clima quente e úmido, era o habitat natural do africano. Só este estava adaptado para aí viver e lutar contra as forças da natureza tropical, naturalmente sob a direção e o mando do homem branco, do nórdico. (...) Só este possuía a necessária disciplina, inteligência e habilidade técnica para romper as peias que mantinham os habitantes da região tropical no isolamento e no atraso.²⁸

Para além das “deduções teóricas” e construções científicas de Maury sobre as capacidades naturais da Amazônia, outra base argumentativa foi bastante presente em seu discurso na apresentação de seu projeto para a região: a doutrina da predestinação divina. A realidade de isolamento da floresta era a prova de que “Deus” preservara a Amazônia deserta para um destino bastante específico: resolver os problemas do sul dos Estados Unidos de equilíbrio racial. O vale amazônico era a válvula de escape para que os sulistas pudessem se livrar de seu excesso de população negra, salvando, ao mesmo tempo, sua economia e a própria instituição da escravidão.

Preocupava-o [Maury] o problema do negro nos Estados Unidos, tendo em vista que a abolição se aproximava inexoravelmente. Convencido da superioridade do branco, só podia admitir o negro na condição de escravo e nunca numa posição de igualdade. Que fazer então com essa população negra uma vez posta em liberdade e cuja multiplicação ainda poderia submergir a raça branca?²⁹

O projeto amazônico era, em suma, uma proposta para área de influência do sul dos Estados Unidos, uma espécie de colônia que chamaria “República Amazônica”. Entretanto, a montagem dessa república relegava ao projeto de Maury uma impossibilidade de apoio nacional, devido à tensão política entre as regiões norte e sul dos Estados Unidos, como anteriormente descrito. A anexação da Amazônia cabia apenas nas concepções sociais e econômicas do sul escravista. De qualquer maneira, o convincente disfarce de seus planos, sob a campanha para a abertura do Rio Amazonas para o livre comércio internacional, chegou a interessar o Departamento de Estado do governo dos Estados Unidos:

E já em 1850, Maury, como um novo cruzado, movimentava-se para impelir a máquina estatal em favor de seus planos, em benefício de seus compatriotas, da humanidade e para a glória de Deus e da cristandade. Era-lhe necessário,

²⁸ LUZ, Nícia Vilela. **A Amazônia para os Negros Americanos: Origens de uma Controvérsia Internacional**. Rio de Janeiro: Saga, 1968, p, 59.

²⁹ LUZ, Nícia Vilela. **A Amazônia para os Negros Americanos: Origens de uma Controvérsia Internacional**. Rio de Janeiro: Saga, 1968, p, 58.



para levar adiante seus desígnios, um conhecimento direto e mais sólido da região, pois até então suas ideias não passavam de meras conjecturas resultantes principalmente de deduções que o exame das cartas de vento e correntes lhe proporcionara. Consegue, através do Secretário da Marinha dos Estados Unidos e apelando para as vantagens comerciais decorrentes, interessar o Departamento de Estado em seus projetos amazônicos. O objetivo dessas primeiras iniciativas era obter do Governo brasileiro a necessária licença para que uma expedição, que se dizia científica, pudesse penetrar o Amazonas.³⁰

Desde o primeiro momento, a orientação da política exterior brasileira, contudo, era manter os Estados Unidos e a Europa o mais longe possível da região, o que obrigou Maury a tentar adentrar a região por meio de outros países vizinhos também tributários da bacia amazônica.

As autoridades americanas, em sua impaciência, não estavam muito dispostas a serem submetidas às dilações da política brasileira e resolveram, mudando de tática, enviar uma expedição que, partindo do Peru, desceria o Amazonas, em vez de penetrá-lo pela foz. Julgavam assim poder dispensar o consentimento do Governo Imperial, necessitando apenas de passaportes que ministro do Brasil em Washington não poderia negar, pois [...] não havia para tanto, nenhuma objeção legal (LUZ, 1968, p.61).³¹

A já citada expedição Herndon-Gibbon, dessa forma, começou em Valparaíso, no Chile, de onde seguiu para Lima, no Peru, em fevereiro de 1851. De Lima, a embarcação comandada por Herndon seguiu em direção ao Rio *Marañon* para descer o Amazonas. A outra metade da expedição, chefiada por Gibbon, dirigiu-se para a Bolívia, pelo Rio Madeira, para alcançar o Amazonas por outro caminho.³²

No mesmo ano da expedição Herndon-Gibbon, em 1851, depois de intensas negociações com as nações fronteiriças, o Brasil terminou por celebrar uma convenção, permitindo a navegação do Rio Amazonas por embarcações portando bandeiras de países ribeirinhos, entre

³⁰ LUZ, Nícia Vilela. **A Amazônia para os Negros Americanos: Origens de uma Controvérsia Internacional.** Rio de Janeiro: Saga, 1968, p, 61.

³¹ LUZ, Nícia Vilela. **A Amazônia para os Negros Americanos: Origens de uma Controvérsia Internacional.** Rio de Janeiro: Saga, 1968, p, 61.

³² Ver HERNDON, William Lewis e GIBBON, Lardner. **Exploration of the Valley of the Amazon** Made under the direction of the Navy Department By VM. Lewis Herndon and Lardner gibbon, Lieutenants of the United States Navy. 2 vols. Washington: Robert Armstrong, 1853.



eles o Peru e a Bolívia. Mas, é apenas em 1867 que o Rio Amazonas finalmente é aberto e a navegação internacional, de fato, é permitida.³³

Recebido em: 29/07/2019

Aceito em: 20/08/2019

REFERÊNCIAS

- CLEVEN, N. Andrew N. Some Plans for Colonizing Liberated Negro Slaves in **Hispanic America**. **The Journal of Negro History**, Chicago, University of Chicago Press, vol. 11, n. 1, 1926, p. 35-49.
- ANGELIS, Pedro de. **De La Navegación Del Amazonas**. Respuesta a Una Memoria de M. Maury, Oficial de la Marina de los Estados Unidos. Caracas: Reimpreso T. Atero, 1857.
- BELL Jr., Whitfield J. The Relation of Herndon and Gibbon's Exploration of the Amazon to North American Slavery. **Hispanic American Historical Review**, Durham, Duke University Press, vol. 19, n. 04, nov. 1939, p. 494-503.
- BURR, Robert N. The Balance of Power in Nineteen-Century South America: An Exploratory Essay. **Hispanic American Historical Review**, Durham, Duke University Press, vol. 35, n. 1, fev. 1955, p. 37-60
- DOZER, Donald Marquand. Mathew Fontaine Maury's Letter of Instruction to William Lewis Herndon. **Hispanic American Historical Review**, Durham, Duke University Press, vol. 28, n. 2, mai. 1948, p. 212-228.
- DYER, Brainerd. The Persistence of the Idea of Negro Colonization. **The Pacific Historical Review**, Oakland, University of California Press, vol. 12, n. 1, mar. 1943, p. 53-65.
- GRADY, John. **Matthew Fontaine Maury, Father of Oceanography, 1806-1973**. Jefferson: McFarland & Co, 2015.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasma: A Modernidade na Selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

³³ MEDEIROS, Fernando Saboia de. **A Liberdade de Navegação do Amazonas: Relações entre o Império e os Estados Unidos da América**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 20.



- HARRISON, John P. Science and Politics: Origins and Objectives of Mid-Nineteenth Century Government Expeditions to Latin America. **Hispanic American Historical Review**, Durham, Duke University Press, vol. 35, n. 2, mai. 1955, p. 175-202.
- HECHT, Susanna B. **The Scramble for the Amazon and the “Lost Paradise” of Euclides da Cunha**. Chicago: University of Chicago Press, 2013.
- HERNDON, William Lewis e GIBBON, Lardner. **Exploration of the Valley of the Amazon** Made under the direction of the Navy Department By VM. Lewis Herndon and Lardner gibbon, Lieutenants of the United States Navy. 2 vols. Washington: Robert Armstrong, 1853.
- HILL, Lawrence F. **Diplomatic Relations between the United States and Brazil**. Durham: Duke University Press, 1932.
- HORNE, Gerald. **The Deepest South: The United States, Brazil and the African Slave Trade**. Nova York: New York University Press, 2007.
- HUMBOLDT, Alexander von. **Personal Narrative of a Journey Equinoctial Regions of the New Continent**. Edição Condensada (Abridged Edition). Londres: Penguin Classics, 1995.
- LUZ, Nícia Vilela. **A Amazônia para os Negros Americanos: Origens de uma Controvérsia Internacional**. Rio de Janeiro: Saga, 1968.
- MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Brasil a Vapor: Raça, Ciência e Viagem no Século XIX**. 2005, 255 f. Tese (Livre-docência) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- MARTY, Percy Alvin. The Influence of the United States on the Opening of the Amazon to the World’s Commerce. **Hispanic American Historical Review**, Durham, Duke University Press, vol. 1, n. 2, mai. 1918, p146-162.
- MAJESWSKI, John e WAHLSTROM, Todd W. Geography as Power: The Political Economy of Matthew Fontaine Maury. **The Virginia Magazine of History and Biography**, Richmond, Virginia Historical Society, v. 120, n. 4. 2012, p. 340-371.
- MAURY, Matthew Fontaine. **The Amazon, and the Atlantic Slopes of South America**. A series of letters published in the National Intelligencer and Union Newspaper, under the signature of “Inca,”. Revised and corrected By Author. Washington: Franck Taylor, 1853.
- MAY, Robert E. **The Southern Dream of a Caribbean Empire, 1854-1861**. Miami: University Press of Florida, 2002.
- MEDEIROS, Fernando Saboia de. **A Liberdade de Navegação do Amazonas: Relações entre o Império e os Estados Unidos da América**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.



NEEDEL, Jeffrey. The Abolition of the Brazilian Slave Trade in 1850: Historiography, Slave Agency and Statesmanship. *Journal of Latin American Studies*, Cambridge, Cambridge University Press, vol. 33, n. 04, nov. 2001, p. 681-711.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A Amazônia e a Cobiça Internacional**. Rio de Janeiro: Limitada, 1965.

ROTHMAN, Joshua D. **Notorious in the Neighborhood: Sex and Families across the Color Line in Virginia, 1787-1861**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2003.

SAMPAIO, Maria Clara Sales Carneiro. **Fronteiras Negras ao Sul: A proposta dos Estados Unidos de colonizar a Amazônia brasileira com afrodescendentes norte-americanos na década de 1860**. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTOS, Cláudio Villafañe Gomes. Santos. **O Brasil entre a América e a Europa: O Império e o Interamericanismo**. São Paulo, Unesp, 2004.

TENZER, Lawrence. **The Forgotten causes of the Civil War: New Look at the Slavery Issue**. New Jersey: Scholar's Publishing House, 1997.

WISH, Harvey. **The Revival of the African Slave Trade in United States: 1856-1860**. The Mississippi Valley Historical Review, Oxford, Organization of American Historians, vol. 27, n. 04, mar. 1941, p. 569-588.

